

BREVE

**Nova Ágora
arranca hoje
com debate
sobre o trabalho**

INICIATIVA O comentador Luís Marques Mendes modera, hoje, o debate organizado pela Arquidiocese de Braga que reúne o ministro da Economia, Manuel Caldeira Cabral, e o ex-sindicalista Carvalho da Silva, bem como o vice-presidente do Conselho Económico e Social Europeu (CESE), Gonçalo Lobo Xavier.

A iniciativa, que decorre no Auditório Vita (Braga), a partir das 21h00, marca o arranque do II Ciclo de Conferências "Olhares Sobre..." e, neste primeiro debate, é dedicado aos temas do trabalho.



EDUARDO DUQUE

Dedicamos a primeira sessão da Nova Ágora de 2016 aos *Olhares sobre o trabalho*.

O trabalho une crentes e não crentes na medida em que representa uma parte significativa da vida da pessoa. Na idade ativa, os indivíduos passam grande parte do seu tempo divididos entre a família, o lazer e o trabalho, sendo que, a forma como a pessoa se relaciona com o trabalho, condiciona as suas outras relações, sejam familiares, sociais ou económicas.

Hoje em dia, consciências ou não desta realidade, as pessoas vivem preocupadas não só em ter um posto de trabalho, mas em desenvolvê-lo com valor e profissionalismo, daí que, nunca tanto como hoje, se tenha ouvido falar no sucesso da carreira.

Com a proliferação e diversificação das profissões, característica das sociedades modernas, o mundo do trabalho tornou-se um desafio pessoal, na medida em que deixou de ser visto exclusivamente desde a ótica da necessidade existencial, que permitia satisfazer as necessidades da segurança e subsistência, para passar a ser entendido como um fenómeno social, com um valor de intercâmbio pelo qual se acede aos bens e serviços do mercado.

Assim, na contemporaneidade, percebe-se o trabalho como algo que não é determinado, mas uma realidade que envolve todo o indivíduo e que se desenvolve ao longo de toda a vida.

**Centralidade
do trabalho**

Para a larga maioria das pessoas ter um trabalho representa a satisfação das necessidades básicas que permite a resolução dos problemas do dia a dia, para outros, o trabalho é entendido num contexto de auto-realização pessoal, em que se valoriza mais a sua qualidade que os benefícios económicos que dele podem decorrer.

É comum ouvir expressões como "gosto do que faço", "trabalho por vontade", "se não trabalhar, a vida não tem sentido". Estas e muitas outras expressões não são mais do que formas que revelam o grau de identificação do indivíduo com o seu trabalho, permitindo depreender até que ponto ele é central para a identidade do sujeito.

Independentemente da forma como cada um se situa perante o trabalho, o que aqui se supõe, é que ele constitui, de alguma forma, um fator fundamental na vida da pessoa. Portanto, a importância que ele ocupa (centralidade) é variável de pessoa para pessoa e inclusive pode ser diferente em cada etapa de vida do indivíduo.

**Da ética do trabalho
à cultura do consumo**

Nas sociedades mais desenvolvidas, os indivíduos são simultaneamente trabalhadores (produtores) e consumidores, o que pressupõe que precisem de dinheiro e de tempo livre. Todavia, esta cultura é recente e típica da *geração mais jovem*. A *geração mais velha* (1.ª geração) ansiava por dar um futuro aos seus filhos (2.ª geração) diferente da vida que levou e, por isso, incentivou ao estudo como forma de melhorar o trabalho e a vida. Esta geração sentiu a vontade de mudar, mas com a referên-



cia apenas ao passado dos seus pais. Por sua vez, para a geração de *meia-idade* (2.ª geração), o passado não conta, sendo que a aposta é no presente e no futuro. Libertam-se dos esforços e sacrifícios dos pais, mas aceitam a submissão às estruturas institucionais do mundo educativo e produtivo, próprias do mundo urbano e industrial. *Querem estudar para chegar a ser, querem trabalhar para ser e ter*. Para a *geração mais jovem* (3.ª geração) conta mais o presente do que o futuro. Não há projeção na esfera educativa (embora se propale que é a "geração mais bem preparada de sempre"), nem na esfera do trabalho. A mentalidade reinante é a do consumo, mesmo que seja à custa dos pais. Porém, o modelo já não é o dos pais, mas o dos seus pares. Esta geração liberta-se não de nada nem de ninguém, mas apenas para obter uma *liberdade sem incorporação*. A *geração mais jovem* conjuga perfeitamente o ócio e o trabalho, desde que este proporcione boas férias, estabilidade e bom ordenado. Esta conjugação é totalmente desconhecida da *geração mais velha*; é uma gramática pela qual os antigos não estudaram.

O papel da Igreja

A questão do trabalho nunca foi marginal para a Igreja. Vejamos um ou outro documento central nesta questão: desde logo, a Encíclica *Rerum Novarum* (1891), de Leão XIII, dedicada à chamada "questão social" e que se debruça sobre a *condição social dos operários*. Aqui, a Igreja secundariza as questões internas, a que estava tão habituada, e dedica-se a pensar e a trabalhar os desafios sociais da fé cristã. 40 anos mais tarde, Pio XI escreve a *Quadragesimo Anno* (1931), alertando para os problemas que os Estados absolutos geravam, mostrando, assim, uma constante preocupação da Igreja em atender aos problemas dos tempos modernos. Esta abertura aos problemas da sociedade moderna ganha forte consistência no *Concílio Vaticano II* (1962-1965), em que a Igreja sente necessidade de dialogar com a modernidade e valoriza os avanços dos "tempos modernos". Mais tarde, com a *Populorum Progressio* (1967) e a *Evangelii Nuntiandi* (1975) *reflete sobre* as desigualdades entre os países e a revolução científico-tecnológica que transforma os sistemas de produção, enriquecendo o potencial do trabalho organizado.

A partir da década de 70, a velocidade tecnológica continua a reinventar as relações de trabalho, destruindo empregos e criando outros, preocupações vertidas na *Laborem Exercens* (1981), *Sollicitudo Rei Socialis* (1987) e *Centesimus Annus* (1991). A persuasão dos media e a cultura do consumo, o desenvolvimento desigual e a exclusão social dão origem à *Tertio Millennium Adueniente* (1994) e à *Novo Millennio Ineunte* (2001). Ultimamente, com a *Evangelii Gaudium* (2013) vemos o Papa Francisco preocupado com o acentuar das políticas neoliberais e os custos sociais delas decorrentes que podem trazer proventos para alguns, mas pobreza para vários.

Como dizíamos, a questão do trabalho, das condições dos operários, do patronato, da transformação da produção, da integração da economia global, etc., não passou à margem das preocupações da Igreja, bem pelo contrário, há reflexão escrita, há tomadas de posição, há medidas concretas que ajudam a entender que a Igreja procura sempre o bem maior do homem, a sua liberdade e dignidade.

Em jeito de conclusão, pode reter-se a ideia de que a reflexão sobre o trabalho é demasiado abrangente e complexa, mas, com esta reflexão pretende-se, acima de tudo, contribuir para o bem comum que emerge da Nova Ágora, que nos coloca a caminhar juntos para um sentimento de participação partilhada numa sociedade aberta e plural. Propõe-se, por isso, deixar o individualismo morrer de fome e harmonizar a vontade política com a criatividade social, onde o humano, o verdadeiramente humano – comum a crentes e não crentes –, possa nascer.